

A «religião invisível» nas inscrições tumulares de Petosíris

JOSÉ DAS CANDEIAS SALES*

Numa primeira análise, as 152 inscrições funerárias e biográficas inscritas no interior do túmulo-templo de Petosíris, sumo sacerdote de Djehuti, em Tuna el-Guebel (Hermópolis Oeste),¹ surgem-nos como uma amálgama desconexa de ideias justapostas, sem qualquer sistematização ordenadora por parte do seu Autor.² Uma análise mais profunda, porém, permite-nos detectar a «religião invisível» que motivou e orientou o seu registo e encontrar um conjunto de núcleos agregadores da reflexão moral-filosófica nelas contida.³

Tomando como base a longa inscrição 81 (capela, parede oriental, registo intermédio, 92 colunas), percebe-se que a finalidade fundamental do registo era legar à posteridade dos vivos um testemunho eloquente da sua condição de *mae-kheru*, cumpridor zeloso de todos os deveres piedosos, qual modelo de comportamento a imitar por todos os prospectivos vivos:

Ó vós, todos os vivos, que estais sobre a terra, todos os sacerdotes-*uab* e todos os escribas, que vindes a esta necrópole (*stꜣt*) e vedes este túmulo, louvado seja deus para aquele que age (para mim), louvado seja deus para aqueles que agem (para mim)! Porque eu fui um homem honrado (*imakhu*) por seu pai, louvado por sua mãe, amado pelos seus irmãos. Eu construí este túmulo nesta necrópole, ao lado dos espíritos superiores (*bꜣw-ꜣw*) que aqui estão, para que sejam pronunciados o nome de meu pai e o de meu irmão mais velho, porque um homem revive quando o seu nome (*rn*) é pronunciado!

O Ocidente é a morada daquele que não tem faltas, louvado seja deus para o homem que o alcançou! Nenhum homem o alcançará, a menos que o seu coração seja íntegro a cumprir a *maet*.

* Universidade Aberta; CHUL.

1. Cf. TYLDESLEY 1999, 1037; PEREMANS 1956, 5406. Petosíris é a forma onomástica grega adaptada do nome egípcio Padiusir, *pꜣ-di-wsir*, que significa «Dom de Osíris». O seu apelido era Ankhefkonsu, *ꜣnh.f-hꜣsw* (Cf. NAKATEN 1982, 995; LEFEBVRE 1923b, 15; MENU 1994, 321, nota 42). Petosíris terá assumido o seu cargo sacerdotal em plena Segunda Dominação Persa (341-332 a.C.), quando o Egito era ainda uma satrapia do imenso império dos Aqueménidas.
2. Cf. THÉODORIDÈS 1991, 83. Das 152 inscrições distribuídas entre Sichu ou Nesichu (pai de Petosíris), Djedtotiuefankh (seu irmão) e o próprio Petosíris, há uma ligeira vantagem para o irmão mais velho de Petosíris: 330 linhas ou colunas para Sichu, 344 para Djedtotiuefankh e 335 para Petosíris. (Cf. MENU 1994, 315, nota 32). Do ponto de vista tipológico, as inscrições interiores do túmulo dividem-se em textos de oferendas ordinárias, biografias funerárias das várias personagens a quem é consagrado e um grupo de inscrições filosóficas e religiosas. A ordem numérica das 152 inscrições do túmulo de Petosíris foi estabelecida por Gustave Lefebvre, em Janeiro de 1920, à medida que as diferentes paredes do edifício iam sendo limpas e restauradas. Isto significa que essa ordem (estrutura base do Vol. II da obra de G. Lefebvre) não corresponde absolutamente à disposição racional dos textos. Ainda assim, é essa numeração que continua, ainda hoje, a ser usada pelos estudiosos.
3. Cf. ASSMANN 2006, 32, 33.

Lá não se distingue o pobre do rico, só o que é considerado livre de faltas pela balança e o peso colocados perante o senhor da eternidade. Lá ninguém se exime à pesagem: Tot, como babuíno encarregue da balança, julgará cada homem segundo as suas acções na terra.⁴

A fórmula clássica de exórdio de textos funerários do início da inscrição («apelo aos vivos») equivale à fórmula *sdm mdw.i*, «aquele que ouvir as minhas palavras», que se encontra noutras inscrições do túmulo (ex. inscrição 56: «O coração de quem ouvir as minhas palavras (*sdm mdw.j*) afligir-se-á por isso (...))».⁵ O túmulo funciona como local específico de interacção entre o morto e os vivos. As mensagens nele registadas, autênticas instruções sapienciais (*b³it*), dirigem-se a toda a posteridade potencial do defunto, ou seja, destinam-se a todos os homens do futuro, pretendendo o morto persuadi-los das bênçãos e favores resultantes da adopção de um comportamento existencial equilibrado e justo, isento de faltas (*dmi nt iwti wn-f*), mesmo sob condições adversas.

O defunto-narrador, no seu estatuto de *imakhu* experiente e vivido, justifica a construção do próprio túmulo como um deliberado acto de memória, destinado a que o seu nome (*ren*) e o dos seus familiares sejam lembrados para todo o sempre. A importância concedida ao nome como vínculo na temporalidade surge igualmente nas inscrições 65 (dedicada por Petosiris ao irmão, Djedtotiuefankh), 56 e 57 (redigidas em sua própria homenagem):

Fiz com que o teu *ka* fosse honrado na terra dos vivos; que ele não desapareça, pois não se encontrou qualquer falta em mim. Fiz com que o teu nome esteja na boca dos vivos que se sucederam no interior da tua casa, para que o teu nome não desapareça na tua casa, eternamente, pois um homem vive quando se pronuncia o seu nome. (Inscrição 65);⁶

Construí este túmulo nesta necrópole com o teu nome gravado no seu lado esquerdo,⁷ para que o teu nome possa ser pronunciado por aqueles que vão e vêm depositar oferendas nesta necrópole, eternamente, a favor do *ka* do senhor deste túmulo. Bebendo e agindo sempre segundo as inspirações do seu coração, louvando a deus pelo teu nome, eternamente. (Inscrição 65);⁸

Todos vós que vireis (no futuro) fazer oferendas nesta necrópole: pronunciai o meu nome ao fazerdes abundantes libações; Tot favorecer-vos-á (por isso)! (...) Sou um homem cujo nome merece ser pronunciado! (Inscrição 56);⁹

No que diz respeito a todos os escribas, a todos os sábios, a todos os homens instruídos na palavra divina, que virão a esta montanha e lerão as inscrições deste túmulo, diante das pessoas que vierem com eles¹⁰ pronunciarão cuidadosamente o meu nome e purificarão as minhas estátuas. (Inscrição 57).¹¹

Sendo o Além um lugar de absoluta igualdade e justiça, a que só terão acesso aqueles cuja pesagem na balança do Tribunal Divino for favorável, é imprescindível que cada ser vivo construa para si um «bom nome» e um «bom coração». Cumprir a *maet* é, portanto,

4. Cf. LEFEBVRE 1924, 136, 137; LEFEBVRE 1923a, 53-55; LICHTHEIM 2006, 45, 46; LALOUETTE 1984, 263, 264, 341; LAFONT 1979, 153, 154; ARAÚJO 2003, 336-342. Um elemento significativo em relação a esta inscrição 81 é o facto de ela constituir um modelo que as inscrições 62, 59 e 61 tomaram em linha de conta e reproduziram com abreviações e desenvolvimentos (Cf. LEFEBVRE 1924, 136).

5. Cf. LEFEBVRE 1924, 114; LEFEBVRE 1923a, 27.

6. Cf. LEFEBVRE 1924, 170; LEFEBVRE 1923a, 40, 41.

7. Alusão à nave esquerda da capela do túmulo de Petosiris (de dentro para fora) dedicada ao irmão de Petosiris.

8. Cf. LEFEBVRE 1924, 170; LEFEBVRE 1923a, 40, 41.

9. Cf. LEFEBVRE 1924, 114, 115; LEFEBVRE 1923a, 27, 28; LICHTHEIM 2006, 52-54.

10. Subentendido: que não souberem ler as inscrições.

11. Cf. LEFEBVRE 1924, 117; LEFEBVRE 1923 a, 28, 29.

um dever daquele que procura uma recompensa eterna. A consideração moral subjacente a este desenho de conduta existencial de recortes muito simples está igualmente presente na inscrição 62 (pronaos, parede sul, ângulo este, 5 colunas):

Ó vós, todos os vivos, que estais sobre a terra e que vindes a esta necrópole, que vereis este túmulo. Vinde, farei com que conheçais as vontades de deus. Guiar-vos-ei no caminho da vida, no bom caminho daquele que obedece a deus; É um homem abençoado aquele cujo coração o conduz até ele. Aquele cujo coração se mantém no caminho de deus,¹² a sua existência manter-se-á na terra. Aquele cujo coração encerra um grande temor de deus, grande será o seu louvor/ a sua felicidade na terra. Deus age como agimos para com ele.¹³

A interpretação do conselho-ensinamento de Petosíris é clara: o apreço dos deuses (neste caso, do deus Djehuti de Khemenu) só existirá para aqueles que andarem no «caminho da vida» (*metjen en ankh*).¹⁴ As bênçãos divinas aplicam-se, em primeira instância, na existência terrestre e, depois, como consigna a inscrição 81, estender-se-ão ao Além. Estamos perante uma moral religiosa que contempla a noção de uma justiça retributiva:

Tal como agirem para comigo, assim serão tratados: quem me fizer bem, o bem lhe será feito; quem me fizer mal, o mesmo lhe acontecerá. Assim se fará àquele que o fizer. (Inscrição 65);¹⁵

[Àqueles que glorificarem o meu *ka*], o seu (*ka*) será glorificado: Àqueles que me fizerem mal, mal também [lhes] será feito; Sou um homem cujo nome merece ser pronunciado! (Inscrição 56);¹⁶

Fazei uma libação de água por mim, lede as inscrições, celebrai os ritos em favor do meu nome, pois eu sou um homem que merece que o seu nome seja pronunciado. Quem me fizer bem, o mesmo lhe será feito; quem me fizer o mal, o mesmo, e é Tot que testemunhará contra vós, pois eu sou um *imakhu*, filho de *imakhu*, um bendito, filho de bendito. (Inscrição 102);¹⁷

O próprio deus renumerará o gesto daquele que agir em meu favor. Quem me fizer o bem, o mesmo lhe será feito; quem louvar o meu *ka*, o seu *ka* será louvado. E quem me fizer mal, o mesmo lhe será feito, pois eu sou um *imakhu* de deus, o qual fará com que sejais tratados da mesma forma por aqueles que virão depois, durante toda a duração dos tempos. (Inscrição 125);¹⁸

O *imakhu* de Anupu, que reside na Sala Divina, deus grande, senhor de Sheto, o Grande dos Cinco, senhor dos tronos, ilustre pelo seu mérito, excelente pelas suas qualidades, fazendo o bem a quem lhe faz o bem, bendito de seu pai e de sua mãe. (Inscrição 138).¹⁹

Ó todos os profetas, todos os sacerdotes, que vêm a esta montanha, vinde, instruir-vos-ei nas vontades de deus; guiar-vos-ei no caminho da vida. Deus conduziu o meu coração a fazer o que ele ama: é a obra que ele faz àquele que ama. (Inscrição 59).²⁰

É a perseverança no «caminho da vida» que garante ao Homem a eternidade e é neste sentido que a vida eterna alcançada é sempre uma recompensa por uma vida exemplar e nunca uma dádiva divina gratuita. O pensamento ético-religioso petosiriano institui a au-

12. A expressão deve ser entendida como «no caminho do deus Tot». Trata-se de uma entidade divina bem concreta e não de um ser divino abstracto, eventualmente susceptível de ser grafado com maiúscula.

13. Cf. LEFEBVRE 1924, 82, 83; LEFEBVRE 1923a, 38, 39; LALOUETTE 1984, 262, 263, 340; VERNUS 2001, 367.

14. Nas inscrições do túmulo de Petosíris, a ideia de andar no caminho da vida, ou seja, estar conforme à vontade divina, é também vertida como «estar» ou «andar sobre as águas», significando «ser fiel», «ser obediente» ou reconhecer a autoridade espiritual de Tot (inscrições 61, 81 e 115) - Cf. MENU 1995, 290, nota 41; COUROYER 1949, 419.

15. Cf. LEFEBVRE 1924, 170; LEFEBVRE 1923a, 40, 41.

16. Cf. LEFEBVRE 1924, 114, 115; LEFEBVRE 1923a, 27, 28 LICHTEIM 2006, 52-54.

17. Cf. LEFEBVRE 1924, 184, 185; LEFEBVRE 1923a, 74, 75.

18. Cf. LEFEBVRE 1924, 191, 192; LEFEBVRE 1923a, 88, 89.

19. Cf. LEFEBVRE 1924, 194; LEFEBVRE 1923a, 95, 96.

20. Cf. LEFEBVRE 1924, 79, 80; LEFEBVRE 1923a, 32.

toconsciência, a integridade e a perseverança como componentes vitais da experiência religiosa e como a expressão activa das motivações mais profundas do «coração» do homem. Indica-se assim que cada humano deve realizar os seus trabalhos quotidianos de forma competente e empenhada, pois disso dependerá o seu sucesso existencial, presente e futuro, construindo um nome que merece e deve ser pronunciado/relembrado.

A narração sapiencial inscrita nas paredes interiores do túmulo de Petosíris, em Tuna el-Guebel, é, pois, a de um defunto justificado (dimensão *post-mortem*) que, do Além, comunica com os que ainda vivem na terra (dimensão *antemortem*), apelando-lhes explicita e intencionalmente para que pautem a sua vida terrena por uma conduta maética, capaz de lhes garantir, como no caso de Petosíris, as maiores felicidades:

Fiz tudo isso para obter em troca que a minha vida se prolongasse na felicidade e que atingisse a Terra Sagrada,²¹ sem que o meu coração conhecesse a aflição. Possa a minha casa subsistir depois de o meu coração ter sido enterrado neste túmulo, ao lado de meu pai. (Inscrição 61).²²

Tudo o que fiz, foi de acordo com o livro sagrado. Fiz tudo para que o meu nome não deixe de existir no templo de Tot e para que eu possa ser objecto dos seus favores, eternamente! (Inscrição 59).²³

Eu sou, de facto, um bendito pelo senhor de Khemenu, que procurou sempre aquilo que era útil a todos, que falou o bem, que repetiu o bem, que dirigiu as suas acções para o bem. Fiz o que agrada aos homens, que bendiz os deuses, para que o meu nome fosse pronunciado depois da minha morte ! (Inscrição 126).²⁴

Nestas inscrições, de acordo com a moral de Petosíris, voltam a estar presentes as dimensões da memória (um nome para todo o sempre) e da eternidade (o alcançar de um estágio de favor eterno, por obra de Tot). Dessa forma, todos os Humanos (ou seja, todos os Egípcios), individual ou colectivamente, estão directamente implicados e comprometidos com essas duas directrizes que põem em contacto todas as gerações, passadas, presentes e futuras, nos espaços do Aquém e do Além. A sabedoria de Petosíris é fruto dessa concepção e um estímulo directo à sua perpetuação. É nessa comunicação ou diálogo no tempo e no espaço entre as gerações que se joga, simultaneamente, a continuidade da moral, da memória e da sociedade.

Numa feliz metáfora, os que permanecerem nos *metjen en ankh* chegarão «à cidade da eternidade», sendo esta, aqui, sinónimo de Além, em sentido lato, ou de necrópole e de túmulo, em sentido mais estrito. A inscrição 116 (de Sichu) contém a fórmula-chave neste aspecto:

Cheguei até à Cidade da Eternidade, porque fiz o Bem na terra e porque o meu coração está firme no caminho do deus, desde a minha infância até esse dia!²⁵

A inscrição 61 insiste na mesma tónica:

Nenhum caminho é semelhante a este, ele torna durável o tempo de vida, multiplica os anos, enriquece o homem pobre.²⁶

21. Designação da necrópole.

22. Cf. LEFEBVRE 1924, 104, 105; LEFEBVRE 1923a, 36, 37; LALOUETTE 1984, 266, 341; VERNUS 2001, 367-369.

23. Cf. LEFEBVRE 1924, 79, 80; LEFEBVRE 1923a, 32.

24. Cf. LEFEBVRE 1924, 192, 193; LEFEBVRE 1923a, 89, 90.

25. Cf. LEFEBVRE 1924, 158, 159; LEFEBVRE 1923a, 36, 37; LALOUETTE 1984, 266, 341; VERNUS 2001, 367-369.

26. Cf. LEFEBVRE 1924, 104, 105; LEFEBVRE 1923a, 83; LALOUETTE 1984, 261, 262, 340 ; LICHTHEIM 2006, 50, 51.

A moral petosiriana lida directamente com o Bem e com o Mal e insiste que o sucesso e/ou o fracasso dependem directamente da tipologia existencial seguida, supostamente ao longo de toda a vida do indivíduo.²⁷ Praticar sempre o Bem e implicar nisso o coração granjeará anos de vida. É, no fundo, o mesmo tópico da justiça retributiva comentado atrás.

Percebemos, porém, que a religião de Petosíris não apresenta uma matiz unicamente espiritual, nem se aproxima sequer de um pensamento místico, ascético (não há misticismo). Antes pelo contrário, a inscrição 81 demonstra que convive bem com noções bem mais pragmáticas de bem-estar (*wḏ*), de prosperidade (*swḏ*), de riqueza mundana, de usufruto de «todas as coisas boas» (*khet nebet nefert*), sem renunciar, portanto, à vida na sua plenitude.²⁸

O meu senhor Tot distinguiu-me acima de todos os meus semelhantes, como recompensa por eu o enriquecer, com todas as coisas boas, com prata e ouro, com colheitas e produtos em celeiros, com campos, com gado, com latadas de uvas, com pomares de todas as árvores de fruto, com embarcações na água, com todas as coisas boas dos armazéns. (Eu) fui favorecido pelo soberano (*hkꜣ*) do Egipto,²⁹ eu fui amado pelos seus cortesãos. Possa isto também ser-me dado como recompensa: prolongamento de vida com alegria no coração, um bom funeral depois da velhice, o meu corpo sepultado neste túmulo, ao lado do meu pai e do meu irmão mais velho, abençoado pelo senhor de Khemenu, e também por todos os deuses de Iunu,³⁰ a minha casa mantida pelos meus descendentes, com filho sucedendo a filho! Possa todo aquele que aqui vier mais tarde dizer: «Eis um servo do seu deus até ao dia da veneração!»³¹

De igual forma, a inscrição 116 (palavras de Sichu, pai de Petosíris) aconselha directamente à fruição sensual:

Se esmiuçardes bem as minhas palavras, achar-lhe-eis o seu valor e louvareis a deus em minha honra devido a elas. Bebei até à embriaguez durante o dia de festa! Segui vosso coração enquanto estiverdes na terra! Quando um homem se vai, os seus bens vão-se também; É aquele que os herda que realiza o seu desejo à vontade. (...). Ninguém sabe o dia em que a sua morte chegará. É dom divino fazer os corações esquecer este assunto (...).³²

O «caminho da vida» abrange, portanto, a piedade religiosa no sentido mais limitado do termo, mas não escamoteia a diversão, os prazeres, o *carpe diem*, pois «ninguém sabe o dia em que a sua morte chegará». Embora surja como uma ideia contraditória com o resto da(s) inscrição(ões), é de admitir que subjacente ao ritualismo verbal das declarações e ao «caminho» religioso ou espiritual tão proclamado por Petosíris estivesse também a ideia de um bom usufruto das coisas boas da vida.

Não estamos perante uma filosofia hedonista que advoque o prazer como supremo bem da vida humana. Antes pretende-se que o Homem tenha uma vida em que possa desfrutar com equilíbrio e moderação (*maet*) das «coisas boas». A vida vivida nos «caminhos do deus Tot» é uma vida de rectidão, piedade, sucesso e felicidade.

27. Cf. LICHTHEIM 1997, 8.

28. Cf. COUROYER 1949, 421.

29. Nectanebo II ou Ptolomeu I? Na inscrição 69 (Sichu) designa-se o soberano como *nesu* (*nsw*), não *heka* (*hkꜣ*) como faz Petosíris aqui na inscrição 81.

30. Nome egípcio de Heliópolis, a cidade do deus-Sol Ré, teologicamente «rival» de Khemenu/ Hermópolis.

31. «Dia da veneração» pode designar a idade avançada ou ser um eufemismo para «dia da morte». Cf. LEFEBVRE, 1924, 144; LEFEBVRE 1923a, 58, 59; LICHTHEIM 2006, 48.

32. Cf. LEFEBVRE 1924, 158, 159; LEFEBVRE 1923a, 83; LICHTHEIM 2006, 50, 51; LALOUETTE 1984, 261, 262, 340.

33. MORENZ 1977, 180.

A teoria filosófico-religiosa subjacente às inscrições tumulares de Petosíris denota um profundo humanismo: o homem pode aperfeiçoar-se continuamente, quer pela aplicação activa à sua vida de normas e regras morais e de piedade, conformes à *maet*, quer pela adopção dos seculares conselhos dos sábios como o próprio Petosíris, neste caso um sábio *mae-kheru*.

«Personnalité morale de classe»,³³ Petosíris legou aos vindouros uma biografia edificante que constitui o referente principal para os conselhos estereotipados que gravou nas paredes interiores do seu túmulo em Tuna el-Guebel. Além do relato existencial específico sobre o sumo sacerdote de Tot que comportam, encerram também um conjunto de princípios morais, sapienciais, que manifestam que as opções individuais de cada Homem em termos de apego ou de indiferença religiosa determinam o seu grau de consecução e de participação nos favores divinos na vida terrena e na prometida vida eterna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Luís Manuel de (2003), «O túmulo de Petosiris: expressão da confluência cultural greco-egípcia», *Presença de Victor Jabouille*, Lisboa, p. 313-344.
- ASSMANN, Jan (2006), *Religion and Cultural Memory*, California.
- BAINES, John (1991), «Society, morality and religious practice», *Religion in ancient Egypt: Gods, myths, and personal practice*, Ithaca, p. 123-200.
- CAVAIGNAC, Eugène (1929), «La date du tombeau de Pétoisiris», *REA* 2, p. 56-57.
- COUROYER, Bernard (1949), «Le chemin de vie en Égypte et en Israel», *Revue Biblique* 56, p. 412-432.
- DAUMAS, François (1960), «La scène de la résurrection au tombeau de Pétoisiris», *Bulletin de l'Institut Français d'Archéologie Orientale* LIX, p. 63-80, pl. I.
- DAVID, Rosalie e DAVID, Antony E. (1992), *A biographical dictionary of Ancient Egypt*, London.
- ELVIRA BARBRA, Miguel Ángel (2000), «La utopia fusionadora de Alejandro y Ptolomeo I», *Arte y sociedad del Egipto antiguo*, Madrid, p. 203-215.
- FESTUGIERE, André-Jean (1959), «Notice sur la vie et les travaux de M. Gustave Lefebvre, membre de l'Académie», *Comptes-rendus des séances de l'Académie des inscriptions et belles-lettres*, Volume 103, Numéro 1, p. 94 -105.
- HAGEN, Fredrik (2009), «Echoes of "Ptahhotep" in the Greco-Roman World», *ZÄS* 136, p. 130-136.
- LAFFONT, Élisabeth (1979), *Les livres de sagesse des pharaons*, Paris.
- LALOUETTE, Claire (1984), *Textes sacrés et Textes Profanes de l'ancienne Égypte*. Vol. 1. *Des pharaons et des hommes*, Paris.
- LICHTHEIM, Miriam (1997), *Moral values in ancient Egypt*, Fribourg.
- (2006), *Ancient Egyptian Literature (AEL)*. Volume III. *The Late Period*, Berkeley/ Los Angeles/ London.

- LEFEBVRE, Gustave (1920a), «Le tombeau de Petosiris», *ASAE* 20, p. 41-121.
- (1920b), «Textes du tombeau de Petosiris», *ASAE* 20, p. 207-237.
- (1922), «Textes du tombeau de Petosiris», *ASAE* 22, p. 33-48
- (1923a), *Le tombeau de Petosiris*, Volume II, Caire.
- (1923b), *Le tombeau de Petosiris*, Volume III. Caire.
- (1924), *Le tombeau de Petosiris*, Volume I. Caire.
- MALEK, Jaromír (2003), *Egypt. 4000 years of art*, London.
- MENU, Bernadette (1994), «Le tombeau de Pétoisiris. Nouvel examen», *BIFAO* 94, p. 311-327.
- (1995), «Le tombeau de Pétoisiris (2). Maât, Thot et le droit», *BIFAO* 95, p. 281-295.
- (1996), «Le tombeau de Pétoisiris (3). Culpabilité et responsabilité», *BIFAO* 96, p. 343-357.
- (1998a), «Le tombeau de Pétoisiris (4). Le souverain de l’Égypte», *BIFAO* 98, p. 247-262.
- (1998b), «La «voie de Dieu» dans les inscriptions du tombeau de Pétoisiris», *Transeuphratène* 16, p. 21-30.
- MORENZ, Siegfried (1977), *La religion égyptienne. Essai d’interprétation*, Paris.
- NAKATEN, Suzanne (1982), «Petosiris». *LÄ* IV, p. 995-998.
- PEREMANS, W.; VAN’T DACK, E.; DE MEULENAERE, H.; IJSEWIJN, J. (1956), *Prosopographia Ptolemaica III. Le clergé, le notariat, les tribunaux*, Louvain.
- PICARD, Charles (1931), «Les influences étrangères au tombeau de Petosiris: Grèce ou Perse?», *BIFAO* 30, p. 201-227.
- REDFORD, DONALD B. (2001), «Petosiris», *The Oxford Encyclopedia of ancient Egypt*, Oxford, p. 38, 39.
- SALES, José das Candeias (1999), *As divindades egípcias. Uma chave para a compreensão do Egipto antigo*, Lisboa.
- (2007), *Estudos de Egiptologia. Temáticas e Problemáticas*. Lisboa.
- (2011), «Petosiris - um activo construtor da memória egípcia do início do período ptolomaico», *Studia Historica. Historia Antigua*. Vol. 29, Salamanca, p. 17-38.
- (2012), «A Sabedoria de Petosiris: um repositório condensado de memória e de moral», *Mnemosyne kay Sophia*, Coimbra p. 47-86.
- SNAPE, Steven (2011), *Ancient Egyptian Tombs. The Culture of Life and Death*, Oxford.
- THEODORIDES, Aristide (1991), «La condition humaine en Égypte d’après les inscriptions du tombeau de Pétoisiris», *Acta Orientalia Belgica*, 6, p. 83-116.
- TYLDESLEY, Joyce A. (1999), «Tuna el-Gebel» in Kathryn A. Bard, Steven Blake Shubert (eds.), *Encyclopedia of the Archaeology of Ancient Egypt*, London/ New York, p. 1037-1039.
- VERNUS, Pascal (2001), *Sagesses de l’Égypte pharaonique*, Paris.

